



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

QUINZENÁRIO

Fundador: Padre Américo
Director: Padre Júlio
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

19 de Novembro de 2011 • Ano LXVIII • N.º 1766

Preço: € 0,33 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

NIB: 0045 1342 40035524303 98 • IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas:

Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

BENGUELA

Padre Manuel António

Quarenta e oito anos

FOI em 16 de Novembro de 1963. A Obra da Rua nasceu em Angola, depois de ter sido concebida no coração de Pai Américo, alguns anos antes. O sonho não pôde realizar-se, enquanto viveu, por falta de vocações. Chegou, entretanto, a hora determinada por Deus, apesar das reservas dalgumas vozes do mundo. Dormimos a primeira noite, em 16 de Novembro de 1963, no meio de 42 rapazes, a prenda mais preciosa que nos podia ser oferecida. O acolhimento carinhoso encheu-nos de esperança. O povo anónimo não conhecia a Obra da Rua. Contudo, a rua da entrada para a casa que nos acolheu já tinha o nome de Pai Américo. A população portuguesa, com uma densidade muito elevada na região de Benguela e Lobito, sentiu-se feliz com a chegada da Casa do Gaiato, tão querida e amada! Os filhos da rua, abandonados, em grande número, encontraram a sua Casa de família que os lançou na sociedade, como cidadãos comuns.

Fizeram-se pesos vivos na construção da Angola nova.

Um ano e meio, após a chegada, lançámos mãos à obra da construção, de raiz, da nova Casa do Gaiato. Como seria possível, sem a ajuda extraordinária dos empresários portugueses que assumiram, duma forma comprometida, esta missão admirável? Era, sem dúvida, uma forma de pagarem a sua dívida para com o povo de Angola, ajudando a criar condições para que os seus filhos mais abandonados tivessem condições dignas. As Casas do Gaiato de Angola querem continuar a mesma missão, até ao fim. Quem dera não faltem os corações queimados pelo fogo do amor, para que o incêndio inicial possa estender-se a outros lugares de Angola. Recordo, a propósito, a pergunta que me foi dirigida, dum alto responsável político: «Por que razão não leva a Casa do Gaiato a outras cidades do interior de Angola?» A resposta veio, com muita simplicidade e convicção: — Apareça um ou outro



coração disposto a morrer por amor a estes filhos e a Casa do Gaiato nascerá, onde for mais necessária. Temos confiança no amor do Filho por estes filhos. Deste modo, alimentamos a nossa Esperança.

Não podemos dizer que esta Família, Casa do Gaiato, não é necessária. Quem dera fosse verdade! Mas, somos batidos, com muita frequência, pelo choro de pessoas a suplicar a entrada de novos filhos. Vemo-los nas ruas, diariamente. É certo que a maior parte tem alguém da família de sangue. Mas, infelizmente, vivem como filhos entregues a si mes-

mos. No meio desta infelicidade, a solução não será a Casa do Gaiato. A resposta provisória e eficaz seria o acolhimento destes filhos, em instalações adequadas ao contacto com as famílias, de modo que não faltasse a estabilidade às crianças e pudessem regressar, em devido tempo, ao seio da família natural. É um serviço importante a prestar pelas entidades oficiais e a ajuda da sociedade. Contudo, o abandono total dos filhos, por parte dos pais, continua a ser uma chaga muito dolorosa na sociedade. Para estas crianças queremos ter sempre a porta aberta da nossa Casa, mas

faltam-nos os lugares necessários.

Ontem, foi a nossa reunião dos chefes. Faz-se com regularidade. Foi acentuada a dimensão social da vida de cada um. Serei tanto melhor formado, quanto mais me dedicar aos outros. O princípio é o mesmo para cada um de nós. O que somos e temos não é propriedade exclusiva de cada um. Somos, antes de mais, para os que nos foram confiados. Devemos dar do que temos e somos aos que mais precisam. Realizamos, deste modo, a nossa vocação e seremos felizes.

Abre o teu coração e reparte todo o bem que puderes. □

CALVÁRIO

Padre Baptista

Um pobre

ESTAMOS em época de vindimas e eu ainda não bebi uma caneca e vinho.

Quem assim falava é um pobre homem deitado numa cama do Calvário.

Este senhor vivia sozinho em casa degradada, sem água nem luz e sem sanitários. Dormia enrolado em trapos. Durante o dia deambulava pelas ruas, embriagando-se.

Entretanto, começou a sentir-se mal e pediu aos vizinhos para o levarem ao hospital. Disseram-lhe que tinha de se lavar antes de ir para a unidade hospitalar.

Como havia um poço junto da sua habitação, onde pendurava a garrafa do vinho para o refrescar, resolveu descer para se lavar, apoiando-se nas cavidades ali existentes. Mas desequilibrou-se e caiu. Só no final do dia deram pela sua falta. Os bombeiros vieram e levaram-no, com algumas mazelas, para o hospital. Passado algum tempo, teve alta. Mas para onde o deslocar?

Pediram-nos ajuda e ei-lo entre nós. Não é fácil lidar com ele porque, sendo totalmente surdo, tem dificuldade de comunicação.

Ao vê-lo, hoje, na cadeira de rodas, já tranquilo, pensei: Porque ninguém se abeirava dele, ao longo deste tempo, e se oferecia para o ajudar?

O receio de perder tempo com alguém, os afazeres que a vida acarreta, ser mal recebido, o compromisso resultante, ser apanhado nas malhas dum necessitado de tudo — são desculpas para fugir dos Pobres. Nem os familiares o aceitavam nestas circunstâncias, certamente com medo do encargo.

Se nós tivéssemos tal receio, nunca teríamos aberto o Calvário. Cada um que nele entra, é, sem dúvida, uma responsabilidade e um encargo. Mas, à luz do Evangelho, é, até, uma bênção, porque aquele que chega traz consigo a Pessoa amiga de Deus, que o coloca em nossas mãos para que dele cuidemos. «Quem vos recebe a Mim recebe», disse Jesus naquele tempo aos Seus ouvintes e repete-o hoje a todos nós. Só quem perde a vida em prol dos outros é que a ganha! Como andamos longe do Evangelho! □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

É a última casa da povoação. Os últimos metros da estrada, que a ela conduz, já não existem, reduzidos que estão a um caminho de pedras soltas e terra esburacada. Para além dela só a mata de eucaliptos, em parte queimada por fogo recente.

A família que a habita cresceu nela, constituída somente por pessoas adultas. Quatro filhos e sua mãe servem-se das duas dependências disponíveis, quarto comum e cozinha, para fazerem ali a sua vida. As divisões têm esses nomes porque essa é a sua função, mas...

Frio e chuva, quando aparecem, convivem francamente dentro das paredes que servem de refúgio a esta família Pobre.

«Eles são bons, todos gostam deles, trabalham quando aparece trabalho», dizia-me a minha acompanhante. Apesar disso nunca conheceram outra habitação em toda a sua vida. Têm vivido e sobrevivido sem pedir ajuda a ninguém. Também a nossa visita, embora bem recebida, não foi a seu pedido mas da pessoa que nos foi mostrar. Esquecidos e abandonados.



Outra família, a primeira a ser visitada, vive em rés-do-chão alugado. Pequenos cubículos servem para as diversas funções de habitação desta mãe e seus, também, quatro filhos: três meninas e um

rapaz. Este entrou, agora, para a Escola; a seguinte a ele, frequenta também o 1.º Ciclo, enquanto a mais velha, iniciou-se no 2.º; a mais nova é ainda bebé de colo.

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

SETÚBAL

ANO LECTIVO — Ficámos muito contentes com a saída de vários Rapazes da nossa Escola Primária para o 5.º ano. Assim, mostram a força e a vontade que todos temos de cultivar para sermos alguém. Apesar de suportarmos muitas dificuldades temos de o conseguir.

Estamos curiosos em saber o resultado de todos os Rapazes e podermos chegar à conclusão de quem realmente estuda ou não, ou quem precisa de um apoio maior e atenção.

DANÇA — Pela primeira vez estamos prestes a ter um bailarino profissional saído da Casa do Gaiato.

Há muitos anos que se luta para que um rapaz consiga algo no mundo da dança. Depois de seis anos de sacrifício, para o ano, eu, Ivanoel Tavares serei finalista e um grande exemplo para os mais novos que seguem esta área. Muitos têm desistido por coisas sem cabimento e por o gozo dos outros. Apesar de ter sofrido muito com isso eu ainda fiquei mais forte do que eles.

Ivanoel Tavares

VACARIA — As nossas vaquinhas devido ao bom trato, ao carinho e à boa alimentação, têm dado bastante leite e vitelas. Só no viteleiro encontram-se cinco vitelas recém-nascidas, o que é bastante bom para que mais tarde possam vir a ser grandes produtoras de leite e que ajudem a aumentar o número de vitelas existentes cá em casa.

Normalmente quem costuma tratar destes vitelos é o Miguel: dá-lhes leite, mimos, conforto e higiene para que não apanhem doenças e evitar que se constipem, o que seria um problema bastante desagradável.

Já que as nossas vacas dão um leite bastante bom e rico em cálcio, sem corantes nem conservantes, têm vindo cá a Casa pessoas comprar leite, que nos dão um euro por cada litro.

Durante o fim de semana temos quatro grupos dos rapazes mais velhos para dar algum descanso ao Miguel, o grupo do Nuno, Ubisse, Santiago e o Sérgio que tem se empenhado nas suas funções.

SILAGEM — Há muito que começamos a cortar milho para silagem. Estamos um pouco atrasados em relação à colheita e ao armazenamento nos silos devido ao aparecimento de trabalhos mais prioritários.

Estes dias de chuva não têm facilitado nada esta tarefa, dificulta o movimento do tractor e o funcionamento das máquinas, apesar da silagem não se poder molhar, estamos a fazer os possíveis para que tudo seja rápido e bem feito, para que as nossas vacas tenham alimentação suficiente até à colheita do próximo ano.

Graças à dedicação dos rapazes que estão a trabalhar na colheita e no armazenamento, já conseguimos encher um silo, que tem 40m por 4m de largura e 4m de profundidade.

Patrício

BENGUELA

Pierre Daniel

ADMIRAÇÃO — Numa comunidade tão bela como a nossa Aldeia, onde nos tornamos uma família, só a educação pode ser livre e graciosa. Há uma admiração pelo pai que nos cria, que é bela porque contribui para desenvolver e libertar a criança. Admirar, exactamente porque implica uma saída de nós e uma expansão para os outros. Não para nos perdermos, mas para nos realizarmos.

A admiração realiza a unidade do homem . É preciso começar por admirar aquilo em que nos queremos tornar.

Nestes pequenos traços quero convidar os Rapazes a partilharem, então, esse sentimento de alegria. Por isso não é mau que os filhos admirem os pais e os considerem sempre em primeiro lugar nas suas vidas. Os pais devem fazer por merecer. □

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

OS POBRES REPARTEM COM OS POBRES — Sem querermos minimizar os muitos males que resultam da crise económica que o país atravessa, ela pode e deve ser uma oportunidade para desenvolvermos comportamentos de solidariedade. Felizmente há indícios de que isso está a acontecer, mas há por aí muita confusão sobre esta coisa da solidariedade.

Este assunto veio-nos à ideia quando pouco antes de começarmos a redigir esta crónica nos chegou às mãos um donativo de valor considerável vindo da parte de uma pessoa que, apesar do pedido de anonimato, sabemos que sempre teve uma vida muito modesta no plano material.

Isso fez-nos pensar nessas confusões que andam por aí sobre a solidariedade e fez-nos pensar na boa doutrina a que devemos recorrer para não cairmos nessas confusões. Sabemos bem onde procurar essa boa doutrina. É a parábola do óbulo da viúva. É aquela parte das Bem-Aventuranças onde Jesus fala dos “pobres em espírito” e tantos outros ensinamentos do Evangelho sobre como dar, ou melhor, como nos darmos.

É muito, muito difícil ser “pobre em espírito”. Quantas vezes, incluindo entre os Vicentinos, gostamos de fazer gala do dinheiro e doutros bens materiais que distribuímos. Quanto vezes gostamos de dizer, ou de pensar que somos os que visitamos melhor os pobres, que somos os que trabalhamos melhor para os pobres e que temos que ser elogiados por isso. Quantas vezes olhamos de lado para os outros que achamos que não trabalham tanto em prol dos pobres como nós, sem sabermos bem o que é que eles fazem ou não por essa causa. Às vezes achamos que se não tivermos dinheiro ou outros bens materiais para levarmos aos pobres, não vale muita pena visitá-los. Nos casos piores, há mesmo os que andam nisto para correr atrás da fama, como trampolim para chegar a posições de poder, ou até para o seu próprio benefício material.

Nada disto é fazer como a viúva pobre. Nada disto é ser “pobre em espírito”. Nada disto é a verdadeira solidariedade que Deus nos pede todos os dias e a todas as horas.

Não saiba a nossa mão esquerda o que faz a direita.

Os nossos contactos:

Conferência de Paço de Sousa, A/C Jornal O Gaiato, 4560-373 Paço de Sousa. E-mail: carvalho.mendes@sapo.pt, Telem.: 965464058. □

PAÇO DE SOUSA

FESTA DE NATAL — Iniciámos a pesquisas de peças, músicas e outro material de representação, para elaborarmos a nossa Festa de Natal, que queremos seja muito divertida.

AGRICULTURA — A nossa horta vai de vento-em-popa: plantaram-se e semearam-se couves, alfaces, coentros, cebolas e cenouras, aproveitando a chuva que tem caído com alguma frequência e mansamente, o que é muito bom para os produtos hortícolas.

ALDEIA — A nossa aldeia é embelezada por muitas árvores ao longo das suas avenidas e largos. Com a chegada do Outono rigoroso, já começámos a sentir a grande necessidade de apanhar as enormes quantidades de folhas que delas vão caindo ao longo do dia. Para tal, formaram-se dois grupos, uns varrem as folhas, outros apanham-nas dos montes, feitos pelos nossos varredores.

METRO DO PORTO — Um dos nossos Rapazes, que se encontra no Lar do Porto, como é hábito, alcança o Metro na estação do Bolhão. Há dias, reparou numa senhora, humilde, carregando um carrinho de compras, que entrou na estação da Trindade. Chamou-lhe a atenção o facto da senhora estar a ler O GAIATO — o que muito o admirou e emocionou.

Obrigado, senhora da estação da Trindade, pela preferência dada ao nosso Jornal.

Zé Reis

DESPORTO — *«Duma vez topei um, moço e simpático, a cumprir pena na cadeia, ao tempo instalada na Torre de Santa Cruz. Costumava eu entrar nas prisões e conversar com os reclusos.*

MIRANDA DO CORVO

CONSULTAS — Vários Rapazes têm ido às consultas marcadas nos hospitais de Coimbra (Pediátrico e HUC), a maioria de Estomatologia. Somos bem atendidos. Muito obrigado!

AGROPECUÁRIA — O tempo chuvoso já tardava, pois era necessário, tal como as temperaturas baixas. Mas, tem dificultado a apanha da azeitona, que se fez para já no parque, atrás das oficinas, no campo do *ti Jaime*, no lameiro. Ainda faltam outros olivais, na terra do *poço novo*, dos *grilos*, do *olheiro*, e os olivais dos *poços* e da *mina*. As azeitonas têm

A caridade jamais se rebaixa, por muito que se humilde e possui tal poder que em qualquer parte desponta. Lidamos com almas; os Magistrados com crimes (...) — Pai Américo.

Precisamente por isso, é que levámos os nossos Rapazes, mais uma vez, ao E. P. de Paços de Ferreira, para jogar e verem, com os seus próprios olhos, a realidade da vida, dentro daquele que é, hoje, um estabelecimento prisional de lotação esgotada.

Do que vimos e ouvimos, pouco ou nada vamos dizer. Mas que nos foram segredadas situações de pessoas que tudo tinham e agora nada possuem, é uma realidade, independentemente de alguns terem tido a coragem de dizer que estão *gastos* e que por este andar, também não sabem se a saúde vai permitir que completem a pena a que foram sujeitos e estão obrigados a cumprir. É muito complicado!

Desde aquele que é irmão do... que jogou contra nós, até àqueles que se limitaram a encolher os ombros e deixar cair algumas lágrimas, como prova do seu sofrimento e ao mesmo tempo de arrependimento — mas que agora já é tarde — há muitos outros casos. Um diz: *«Fui surdo... tinha tudo...»*; outro: *«Nunca quis dar ouvidos àquele velho ditado: ‘diz-me com quem andas e eu dir-te-ei quem és’»*; e, outros, foram dizendo: *«Se eu soubesse o que sei hoje... Agora, tenho que pagar pelo que fiz...»*. Só quem lá esteve — sem lá ter caído de pára-quedas... — viu e ouviu, é que sabe uma milésima parte daquele «mundo» cheio de contradições — sem cartazes!

Antes de transpormos as primeiras grades, deparámo-nos com alguém bem nosso conhecido. Teve apenas tempo para dizer: *«Sois o melhor clube do mundo»*.

Ele já fez parte dele e nunca quis ouvir o que se lhe disse — pelo contrário! Hoje, é, aquilo que qualquer um de nós está sujeito a ser, com ou sem

razão: habitante do E. P. de Paços de Ferreira. E mais não dizemos!...

O que nós podemos e devemos dizer é que, fomos recebidos por toda aquela gente de uma maneira tão querida que, mais uma vez, ficámos com vontade de lá voltar, logo que seja possível. Para jogar, atenção?!

Quando lá chegámos, tínhamos à nossa espera o Professor Filipe Pacheco, que tem sido extremamente simpático e tem tido o cuidado de preparar tudo em relação às nossas visitas.

Depois de muitas grades e alguns túneis, chegámos ao recinto do jogo e a ver a luz do dia! Realizou-se o respectivo e tudo decorreu com a maior normalidade e tranquilidade — como diz o nosso seleccionador!

Perdemos o primeiro jogo; ganhámos o segundo e ganhámos muito mais que o jogo: o de se poder pôr os nossos Rapazes a pensar mais seriamente no dia de amanhã. Para se educar, não chega dizer que se ama! É preciso mostrar e dizer o que muitos tentam ocultar, para não correrem o risco de serem olhados de lado. Mas a verdade vem sempre ao de cima! E tanto assim é, que, Padre Carlos, e passo a citar: *«Era muito exigente na educação dos Rapazes. Sofria com eles e passaram-lhe posso dizer, pelo coração, muitas centenas que se conservam fiéis, alguns em relevo na vida social»* — Padre Zé Maria.

Mas o «bom e o bonito» foi, sem dúvida, quando o André «Garnisé», nosso guarda-redes, resolveu dar o exemplo aos colegas, pegar na bola e ir pelo campo fora, fintou tudo e todos, marcando um golo que, reparem, todos os jogadores adversários, toda a assistência: reclusos e agentes — e não eram assim tão-poucos — ficaram encantados com o «miúdo», ficando-se a ouvir um só som: o de baterem palmas. Toda a gente delirou com a proeza do nosso «Garnisé» que, às vezes, também resolve e tenta «cantar de galo».

Alberto («Resende»)

Alunos do Alternativo

zes em várias canalizações, acabou por tombar.

ESCOLAS — O edifício da nossa Escola do 1.º Ciclo serve, neste ano lectivo, como *centro de estudo* para os vários ciclos (do 1.º ao 9.º ano). Cada ano e turma têm o seu horário e sala para fazer os trabalhos de casa com os Professores Destacados, quando vêm das aulas. Depois, vai-se até à sala de informática. Os Rapazes que frequentam as Escolas Secundárias José Falcão e D. Duarte, em Coimbra, têm apoio no estudo, mas estão a pisar o risco, nas faltas... □

continuam mais pobres e cada vez com mais dificuldades.

A nossa conferência, atravessa momentos muito difíceis. Há dias recebi um telefonema de nosso colega, a informar-me que não ia haver reunião por não haver que levar aos nossos pobres. Estamos a ver que vamos ter de fechar portas e, com isto, são mais uns tantos pobres que ficam mais pobres.

Destes nossos que visitamos lembrome de uma Senhora de oitenta e muitos anos. Ela está acamada, há já bastante tempo. Enquanto não se arranjou uma cama articulada, com grades, muitas as vezes era encontrada no chão, cheia de negras. A pessoa que olha por ela, não fica lá. A pensão dela, não chega para pagar à senhora, a água e a luz.

Quando a visito, o seu cumprimento é: «Hoje não tenho leite. Ainda nem sequer tomei os comprimidos». Quando tenho do meu, é só ir a casa.



PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

Dizer bem

NESTA ditosa Pátria, temo-nos encontrado com trabalhadores abnegados das coisas públicas, que não baixam os braços e merecem que se diga bem. Na verdade, dizem e fazem!

A Igreja não deve ser uma *reparação do Estado*, pois será *o pior mal de que enferma o Cristianismo*, como vem n' *A Catedral*, de Manuel Ribeiro.

Quando é servidora e pobre, os embates despertam a fortaleza e a certeza de que não sucumbe a barca de Pedro. Quem duvida dos testemunhos de tantas pessoas, pela causa da justiça, no seguimento e entrega gratuita e total, em dois milénios de história, desde o julgamento injusto do Carpinteiro de Nazaré?...

Como as galinhas do campo, há que esgravatar, pois os filhos deste tempo são muito abanados pelo vento. No primeiro dia da semana, os trabalhos acabam também por ser pesados. Reconhecemos que, entre nós, há crescimentos enfermicos, pois há laços que se desfizeram e desvios que custam a remendar e emendar.

Em dias nublados, de Outono tardio, para dar a César o que será dele, adregámos de nos cruzar com doutores, cuja causa é a justiça humana. Estes não se passeiam pelas praças públicas e percebem o clamor dos Pobres.

Numa incursão em serviço estatal, junto da estátua de João Paulo II, fomos indagar pelos cartões de um pequenito e da mãe de outro, em aflição. Quem surgiu, em boa altura, tem sido perseverante e, com ternura, disse logo: — *Como vão os meninos?* Tal funcionária, com discrição e atenção, tem prestado um bom serviço.

Vamos dizendo que há pequenos que, às vezes, estão sujeitos a perigos e rapazes crescidos que, para além disso, se mostram altivos. O antigamente já foi e há que preservar os bons princípios e memórias. Interessa agora fazer com que o presente nos deixe um futuro risonho pela frente.

Subimos outra colina, com vista para o Mondego, e estivemos à cabeceira hospitalar de um Juiz seguro que tem julgado bem vários

processos de promoção e protecção. Se a pergunta sobre a prole foi idêntica, deixou um sinete: — *Nunca esquecerei a visita...* Diga-se, em abono da verdade, que os maiores amigos se fazem nas horas duras e escuras da fragilidade humana.

Noutro dia, sombrio, depois de conversa com um Comandante de uma autoridade, adentrámo-nos em sala do Ministério Público, no sopé de uma serra, com duas Procuradoras lutadoras, em que ouvimos desfiar sérios avisos a um Rapaz com quedas em demasia. Se o furto nos deixou preocupados e ocupados, havia que despertar fortemente um adolescente para que haja mudança e renasça a esperança. Se ele perder esta oportunidade, poderá não ter muitas mais.

Foi um terceto de momentos, com pessoas zelosas e espírito de serviço aos cidadãos, cheias de energia transformadora e em que o exemplo iluminou estes acontecimentos, cujos passos valeram a pena pelos átrios sinuosos da justiça.

Se devemos *fazer o bem sem olhar a quem*, também há que dizer alto e bem de quem faz o bem. Jesus passou fazendo unicamente o Bem. É verdade, é este o grande *segredo* do nosso Mestre, que veio cumprir na Sua carne a Lei eterna de Deus! □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Osábado, aqui em Casa, porque estão todos os Rapazes, não há Escola e algumas oficinas não trabalham, é sempre um dia de muita barafunda. Normalmente guardamos para essa manhã as tarefas agrícolas que ocupam mais gente. Os Rapazes vão comandados por outros, mas a minha presença é indispensável para rasgar clareiras.

Como não estive na sexta-feira o dia todo, houve gente pobre que me aguardou até fechar a noite.

— *Foram-se há pouco embora* — disse-me a senhora, quando me relatou este facto.

Muitos Rapazes destinados à apanha da azeitona dirigiram-se para a longa carreira de oliveiras à beira do caminho, e eu pensei em acompanhá-los para dirigir e estimular. A chuva e o vento, dias antes, deitaram abaixo grande parte dos frutos. Assim, rapidamente os Rapazes terminaram a empreitada; enquanto eu, quase sem dar por isso, me envolvi nos problemas dos sete pobres que, amargurados, esperavam, para me carregar com as suas agruras.

Fiquei doente. Preso por não poder acompanhar os Rapazes. Foi toda a manhã, até às treze horas.

Se fossem necessidades de ordem espiritual ou sobrenatural em que eu sou apenas instrumento da bondade, sabedoria e misericórdia de Deus, não me maçava tanto, nem me sobrecarregava pessoalmente, mas a miséria é outra: doenças que exigem remédios e os doentes exibem as receitas com datas atrasadas; rendas de casa — *eu estava nu e não me vestiste* — a casa é mais que o vestuário. Ela cobre a nudez, resguarda a privacidade e abriga das intempéries. O pensar que se vai perder a casa sem qualquer solução, é uma angústia devastadora.

— *Dê-me, nem que seja só para um mês, para calar o senhorio.*

O dinheiro é pouco e as rendas são sempre de trezentos e quatrocentos euros, poucas de duzentos e duzentos e cinquenta. Com outros tenho já compromissos assumidos, a que não devo faltar. Se a gente paga dois meses ou três em casos gravíssimos, lá se vai um cheque com um dinheirão.

A falta de trabalho é o maior problema. Meu Deus! Como foi possível chegar a uma situação que não tem retorno!... As máquinas são uma bênção, a técnica uma brilhante conquista, a organização rentabiliza e alivia o trabalho, mas o proveito destes benefícios não é para todos. A competitividade transformou-se numa guerra de onde saem derrotados sempre os mais fracos e são esses que me derrubam a alma, atirando para cima de mim a sua insolúvel desgraça.

A esperança consola e encoraja. Os sacrifícios não nos destroem, se a gente vê algo que amanhã nos aliviará. Com a multidão que me carrega, é tudo trevas e isto mata-me.

Um dos nossos, sem saída dentro do País, casado e com dois filhos, cheio de ideal e saúde, experimentou trabalhar no interior leste da Europa. O patrão era português. Tudo corria bem apesar do baixo ordenado mas, porque fazia dez e onze horas e não tinha sábados, ia ganhando, enquanto em Portugal o seu ofício específico, morrera. Quando veio a descobrir que, sobre o seu salário, não lhe era descontado nada para a segurança social, queixou-se à entidade competente, o que lhe valeu: — *Se não estás bem, vai-te embora.*

Ele tinha acolhido, na sua casa e na sua família, uma irmã da esposa, abandonada pelo marido, há três anos, e também com dois filhos. Eram sete pessoas a comer e a gastar.

Durante o mês de Outubro não ganhou que chegasse para se manter. As duas mulheres desempregadas, apesar de bons hábitos de trabalho, desembaraçadas e de boa saúde. A casa tem de ser grande e a renda elevada. Sem dinheiro, que fazer? Acabou-se o gás e nem para o indispensável combustível havia dinheiro, quanto mais para a renda do senhorio. Tinham-me dado uma nota de cem euros, que não chegou a aquecer no meu bolso e com um cheque paguei a casa.

O marido no estrangeiro mudou de patrão e já luta, elas esperam trabalho no princípio do ano. Deus queira que sim.

A maior parte das infelicidades que encontro, e como já tenho referido, nascem de uma fonte comum: a infidelidade conjugal e a libertinagem sexual, tão difundida ao longo das últimas décadas por quem nunca amou e apenas — com o próprio discurso, escrita e imagem — quis calar a sua consciência natural e fazer figura no mundo desvairado. Nem com um dedo sequer tocam nas tragédias e consequências que esse comportamento acumula através das gerações — o qual vem mais ao de cima nos momentos de crise.

A minha grande mágoa é que esta corrente aumenta e, mesmo perante as evidências, os homens continuam a fechar os olhos à lei natural — que também é lei divina. Os que têm posses ainda vão tapando as suas falhas, mas os Pobres... tudo aparece claramente. □

Padre Quim

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

Continuação da página 1

E o pai? — no estrangeiro, sem sabermos bem o que anda a fazer... Voltamos a ser um País de emigrantes...

Quando chegámos, a mãe tinha ido levar os filhos à Catequese, sempre com seu bebé ao colo. De outra vez que os vimos, eram ambos companhia um do outro. «Tem os filhos muito bem tratados, nem parece que vivem com tantas dificuldades», concluiu quem no-los deu a conhecer. Mas onde está a explicação para isso? Na dívida contraída na mercearia, pois o abono das quatro crianças, único rendimento desta mãe, só cobre a pequena renda da casa e o gasto da energia eléctrica.

Tal como a primeira família, também esta nunca recorreu a qualquer subsídio do Estado e também fica esquecida dos cabazes que aqui e ali se distribuem.

Indaguei de um terreno onde pudéssemos construir duas casinhas para duas famílias. Ainda ninguém se interessou, não podemos nós passar ao lado.

O caso da quinzena passada ainda não está resolvido e já estamos a pensar noutro. Sabemos que no local há gente que pode e tem boa vontade. Já há quem ofereça pedra. Outras ofertas aparecerão.

Mantendo a discrição, característica destas duas famílias, vamos dar-lhes a mão. □

Mas quando também não tenho, vou ao supermercado comprar uma embalagem. A sua alimentação é à base de leite e bolachas.

Uma outra, é uma ceguinha, que mesmo assim vai limpar escadas de um prédio, para ganhar vinte euros por semana. Por vezes, anda com um irmão mas esse é para lhe apanhar algum para tabaco. A pensão dela, mal dá para pagar o aluguer da casa onde vive.

Alguém escreveu: «Quando toma-

mos consciência do nosso dever, mesmo pouco vistoso, só então seremos felizes. Só então poderemos viver em paz e morrer em paz, porque aquilo que dá sentido à vida, dá sentido à morte».

Que o nosso Pai Américo peça ao Senhor por todos nós.

O nosso endereço: Conferência de S. Francisco de Assis — Rua D. João IV, 682 — 4000-299 Porto. □

MALANJE

Padre Rafael

RIVAS entrou para a nossa Casa do Gaiato, há alguns anos. Segundo informações de quem o trouxe, era órfão e vivia com os avós. Quase todos os fins-de-semana, ele escapava-se para a cidade. Como em nossas Casas nenhum rapaz pode estar contra a sua vontade, decidimos, com o chefe-maioral, levá-lo à casa para onde ia nas suas escapadelas. Ao chegar, encontrámo-nos com alguns jovens e alguns meninos que diziam ser da família do Rivas, e que os avós estavam para o campo. Nós alertámo-los de que o Rivas não podia sair de Casa todos os fins-de-semana e se assim continuasse, teria de ficar com eles. Passado algum tempo, Rivas continuou com as suas aventuras. Por fim, levámo-lo a um tio que era polícia. E não ouvimos falar mais dele.

Ontem, de tarde, quando estava a consertar a porta do camião, vi o Jacub passar com uma criança nos braços, em direcção ao posto médico e perguntei-lhe o que aconteceu. Ele respondeu que o Rivas meteu a mão no moinho e que o levava para ser curado. Rapidamente mandei metê-lo no carro para o levar ao hospital.

Enquanto tio Nando conduzia, destapei a mão do Rivas, pois estava coberta por um pano, e vi que estava completamente triturada. Apertei-a, com força, para parar a hemorragia e mandei acelerar o carro.

Ao chegar à urgência, pedi ao enfermeiro, que estava à porta para atender quem chega, que trouxesse uma cadeira de rodas, mas ele não percebeu porque estava a ouvir música com os auscultadores enfiados nos ouvidos. Depois de lhe dar alguns gritos, pedi que fosse onde o médico e lhe dissesse que trazia uma criança com a mão amputada. A enfermeira, que estava sentada ao lado dele, perguntou se eu era médico e se sabia que a mão fora amputada. Como não faziam caso do que dizia, fui ao carro e trouxe o Rivas nos braços e coloquei-o em cima da mesa dizendo «Está amputada ou não?» Mandaram-me, então, entrar para o pôr no soro, adormecê-lo e levá-lo para a sala de cirurgia.

Ali me deixaram com o rapaz que não fazia mais nada do que dizer-me: «Diga à enfermeira que me faça um curativo e vamo-nos embora». Rivas punha-me de tal forma ner-

voso que lhe disse: «Se não estás quieto ainda te dou duas bofetadas», ao que ele respondeu: «Eu fico quieto, mas depois compras-me uns bolinhos. Depois de quase uma hora e mais de três tentativas, conseguimos que adormecesse e levamo-lo para a sala de Operações.

Quando saí, deparei-me com uma jovem que dizia ser sua mãe — e, em verdade, era a sua mãe. Ao chegar o polícia que dizia ser seu tio, era afinal o pai que tinha abandonado a mãe, acerca de dois anos, com cinco filhos. Foi então que entendi as atitudes do Rivas. À minha frente estende-se uma tarefa difícil, ver o que se passará com o Rivas e a sua família, e acompanhá-lo, pois perdeu a mão direita. Possivelmente voltará para a nossa Casa do Gaiato, pela terceira vez.

Padre Telmo chegou de Portugal com a sua perna totalmente recuperada. Catete foi a Luanda buscar o carro, pois tivemos de mudar, praticamente, o motor. Andelson, por outro lado, foi ver como anda a reparação do camião/grua e o tractor continua com problemas na bomba de gasóleo. As dificuldades somam-se, mas é o amor a todos estes irmãos que nos impulsiona a seguir em frente. □

MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

SÓ nós que estamos por dentro, carregando a pesada cruz que Deus nos deu, temos capacidade para entender a Obra da Rua. Já houve Alguém eminentemente conceituado que pensou sermos um poço sem fundo de dinheiro. Pai Américo disse e nós somos herdeiros desse tesouro: «A nossa pobreza é a nossa riqueza» e, se assim não fosse, ninguém acreditava em nós. Mesmo entregando à sociedade todos os anos, Rapazes capacitados para os mais diversos trabalhos, tão formados na profissão como no carácter, na humildade como na consciência de si, mas também dos seus direitos. E eles são abandonados e vieram da rua!

Temos sessenta e dois a estudar fora. Alguns à noite para ganharem um pouco, contribuindo já para as despesas do Curso que frequentam. De tantos só a um, pessoa amiga paga os estudos. Empresas há que os impedem de irem fazer exames, não lhes facultando o tempo necessário para tal. Se tiverem de perder o emprego, pois que percam. A quarenta pagamos propinas, despesas escolares e alojamento. Para os cento e cinquenta que aqui estão até à décima-classe, doze professores licenciados são pagos por nós, sujeitos a um terço do salário do aparelho do Estado. Começámo-los a pagar o dobro e agora não podemos acompanhar a subida. E muito generosos são no que se lhes pede no acompanhamento dos Rapazes mais em perigo de não passarem o ano. E tanto se fala de crianças em risco, mas poucos arriscam saber onde ele é mais crucial. Pensarão só nos que andam na rua e não se lembram que chegam aqui quase todos sem escolaridade. O Ministério manda estudar em cursos nocturnos, se chegam à quinta classe fora da idade. Isso não é um risco maior?

Vale a pena dizer de um que veio este ano da rua vai fazer daqui a uns dias exame da quinta classe com doze anos, sem nunca ter entrado numa Escola nem ao menos saber contar. Vontade dele e empenho dos professores. O problema está em encontrar alguém que saiba de familiares que forneçam pista para descobrir, ao menos, o registo. Até nisso está em risco de não ser admitido a exame. É justo?

E que dizer das despesas hospitalares? Um rapaz, beirando os trinta anos, de quem já não sabíamos, procurou a nossa ajuda. Tivemos de recorrer a uma clínica privada para análises, porque o Hospital o mandava embora alegando que as análises ali feitas não denunciavam nada. Na Clínica privada, soubemos que estava em último grau de tuberculose e de CD4 a UM. Com as análises credíveis na mão e na extrema urgência de o Hospital o acolher, ainda passou a noite no corredor, de maca, e só quando a Irmã lá foi logo de manhã, com o argumento das análises obtidas a alto preço, o médico receitou um remédio que não havia no Hospital. Novamente a Irmã corre a todas as clínicas da cidade e uma houve que tinha apenas duas injeções e só podia dispensar uma. A enfermeira ao administrar a injeção disse que tinha seis e a Irmã, acabou por comprar todas, na esperança de o salvar. Veio a morrer praticamente nos seus braços passava da meia noite.

A lavoura, onde depositávamos esperança de ser uma fonte de rendimento, vai de mal a pior. Já disse aos universitários que aqui vêm, que para o ano irão apenas visitar um museu de alfaias agrícolas. «Mas é o único lugar onde há máquinas para tudo», respondem-me. Que grande lição levam daqui. Só não lhes propus que as comprassem. Porque não? Este ano estamos a lançar à terra semente seleccionada por nós, sem adubo nenhum, esperando apenas que a chuva as faça germinar. Agora dizem que só de Janeiro a Março virão chuvas. Espero que a previsão saia falsa. Confiamos em Deus, que é sempre o nosso refúgio na aflição.

Esta semana vou tentar pedir ajuda a quantas empresas for possível. Não dos grandes projectos. O povo está a reclamar da sua deslocação para lugares distantes, sem indemnizações, sem infra-estruturas sociais, nem casas. Se eles assim são tratados, o que farão a mim que não sou ninguém. O que interessa a esses grandes é sacar, o mais rapidamente possível, as riquezas de Moçambique. Querem exportar vinte milhões de toneladas de carvão por ano. Estou à espreita para saber quanto sai de gás para a África do Sul. E o povo a importá-lo de lá para os seus fogões! É um salve-se quem puder.

Vou sim àquelas que estão consolidadas, nem grandes nem pequenas. Mas até de muitas tenho medo, porque pagam tão mal aos seus operários que a alguns dos nossos rapazes temos de apoiar para sobreviverem. Os nossos Rapazes precisam de sobreviver. Estamos a prepará-los para um Moçambique que não é este. Riqueza sem justiça é incompatível. Ninguém serve a dois, e nós temos de servir os Rapazes. □

SETÚBAL

Padre Acílio

Escrever para O GAIATO

Dois cronistas saíram de Casa, não de forma madura, isto é, com solidez económica e afectiva, mas adolescentemente.

Somos porta aberta, apesar desta opção educacional acarretar muitos dissabores. Consideramo-la fundamental para fazer homens. Se as facilidades da Casa os iludem, as dificuldades da vida abrir-lhes-ão os olhos e eles se fazem. Tinham os dois o mesmo nome e boa capacidade para a escrita.

Nas reuniões com os directores de turma, na Escola, tive conhecimento que alguns Rapazes eram fracos a Português e, lá mesmo, na sala, veio-me à ideia de os pôr a escrever para O GAIATO, fazendo textos simples e curtos, com notícias que dão a conhecer a vida contínua da Casa e deliciam os leitores.

Por ditame do seu Fundador, o Jornal é feito pelos de dentro: os Rapazes, as Senhoras, os Padres, e a todos é necessário dar oportunidade responsável.

Eles aí estão a escrever e a dar conta da nossa vida.

Edmilson

Era o mais pequenino dos nossos «Batatinhas». Os rapazes deliravam com ele, chamando-lhe *sementinha*.

Veio no princípio do ano escolar passado, após a minha visita à sua mãe vendo-a a viver num quarto, com mais duas crianças. Disse-me, então, que o pai fora à Guiné socorrer a própria mãe.

Matriculamo-lo na Escola Infantil, onde pagávamos e todos os dias o íamos levar e trazer.

Entretanto, o pai emigrara para a Suíça, ganhara algum dinheiro e, agora, regressou à família.

Naturalmente que o menino, os pais e os irmãos precisam de viver juntos. Sempre foi a nossa batalha: **a Família**.

Não foi precisa a intervenção de qualquer autoridade civil. Os pais manifestaram capacidade afectiva, algum poder económico para se manterem e foi o suficiente para que o menino regressasse ao seu ninho que, para ele, é, com certeza, mais doce que o nosso.

Roubo

Assim como o mau pensamento precede a má acção, a cobiça antecipa o roubo. Primeiro cobiça-se, depois apodera-se do que é dos outros.

Foi assim que um dos nossos se encontrou envolvido no roubo de um telemóvel na Escola que frequenta.

Um colega *pifou* da mala do outro, que se encontrava na aula de Educação Física, um aparelho de última geração, como diz a propaganda. Com medo de ser descoberto, pediu ao Rapaz que o trouxesse para Casa.

«*Tão ladrão é o que vai à vinha, como o que fica à porta*» — diz o ditado popular.

Entre os Rapazes, aqui em Casa, sem meu conhecimento, o telemóvel deu nas vistas e desapareceu. Foi preciso tocar a rebate para que o mesmo surgisse.

Passados quinze dias, o dono tinha na sua posse o estimado telemóvel, mas a acção deixou atrás de si um terrível e medonho rasto para os dois. A Escola viu-se obrigada a abrir um processo a ambos os burlões e eu, como encarregado de educação do meu, fui também chamado a depor. Por vocação e princípio, tenho o dever de advogar o Gaiato. Não revelei tudo o que sabia, mas a verdade é que passei por um *vergonhaço* inesquecível. □

MOLDURA DA ALMA HUMANA

Padre João

VIVEMOS num tempo particularmente marcado por dificuldades económicas. Muitas famílias estão sem posses nem trabalho. Enfrentam um quotidiano amargurado e incerto. As promessas de certos “gurus” revelaram-se uma falácia, um engodo.

Segundo os que nos governam, o ano de 2012 será bastante pior e tenebroso. Há sectores da economia, outrora florescentes, como o da construção civil, completamente paralisados, outros há muito tempo votados ao abandono, estagnados, assim, a agricultura e muitos outros na linha da indústria e do comércio. Portugal, um país

voltado para o Atlântico, possui uma costa marítima de recursos de inegável valor. Entre muitos o do turismo... Toda ela é uma atracção a chamar por “outros” vindos do interior: as suas gentes, as suas tradições e culturas, em suma, a sua alma humana! Numa variedade tal, que levou alguém, de forma apaixonada a afirmar que em Portugal se pode encontrar, na sua paisagem humana e geográfica um pouco de tudo e do melhor que a Europa tem... É a nossa alma que ninguém pode roubar nem negociar.

Mas os ventos de uma “misteriosa” e surpreendente crise aí

estão... crise que fustiga os mais frágeis e de fracos recursos; uma crise, por outro lado, que faz emergir uma moldura solidária da alma humana, como pessoas e povo. De facto, as inúmeras Instituições de Solidariedade Social que estão no terreno, expressam bem essa configuração de bem-fazer. A maior parte delas, de cariz cristã, constituem um “puzzle” maravilhoso desta matriz solidária.

Que aconteceria, neste momento, a tantos milhares de idosos, privados da proximidade da família, se não fosse essa “constelação” que formam as instituições de solidariedade entre si? Sim, tantos ido-

sos, entregues à solidão, por esses montes fora ou enterrados no “ventre” das grandes cidades, encostados à mísera pensão social? Sim, que aconteceria?

Vai na dianteira desta configuração a Igreja Católica, com as suas centenas de instituições de cariz sócio caritativo numa resposta que pressupõe, a eficácia e a qualidade no agir; cumprindo não só os ditames da ética como tornando a sua acção normativa, insuspeita e exemplar e, por consequência, evangélica. Assim, elas fazem jus à matriz da fé católica que assenta no duplo mandamento do amor a Deus e ao próximo. Entendidas assim, as instituições, formam uma rede na qual se repercute o melhor da alma humana enraizadas na ine-

gável matriz católica que as há-de informar, sem desvios.

É um espírito solidário que o próprio Padre Américo não deixou de vislumbrar no seu tempo, traduzido até, em expressões eloquentes: «ó meu senhor dê a mão àquele...» E, por vezes, enfatizava: «dar a mão! Mais nada...!» E perante algumas resistências, acrescentava: «e guarde o seu nível de vida...!» Tal reparo constituía um veemente apelo à caridade, expressa hoje, em tantas instituições da Igreja e à solidariedade manifestada em tantas instância civis cuja expressão emblemática atinge o seu auge, actualmente, na orgânica subjacente aos Bancos Alimentares contra a fome, expoentes de fazer bem e de bem fazer... □